

UM ESTRANHO NO PARQUE

©

Um estranho no parque
Renato Antunes

Correção ortográfica:
Helena Maria de Almeida Antunes

PARTE 1

O ESTRANHO

Capítulo 1

A cidade de Campo Belo, no Paraná, tem aproximadamente 30.000 habitantes e fica ao lado da fronteira de Santa Catarina, no Sudeste do estado. Natália ama aquele lugar. Em manhãs como essa, ela entendia por que os habitantes brincavam dizendo que o nome da cidade devia ser Campo Branco. A geada cristalizava a grama dos dois parques municipais. O município era um dos mais frios do Paraná e sempre no inverno a geada vinha para enfeitar os campos e atormentar os agricultores locais. A temperatura média era de 14 graus, mas era comum ficar abaixo de zero nesta estação. A cidade ficava há duas horas da capital Curitiba. Era cercada pelos municípios de União da Vitória, a maior cidade da região e General Carneiro. Natália nasceu ali e adora a cidade. Nunca pensou em mudar. Sentada em um dos bancos de pedra do Parque das Árvores, nos limites da cidade, ela sorriu quando se lembrou de sua falecida mãe dizendo: antes de ir embora de Campo Belo, Natália ia namorar todos os homens da cidade. Não foi bem assim. Ela nunca teve qualquer homem que chegasse perto de ser interessante para ela. Agora com vinte e nove anos e solteira ela já sabe por quê. Não eram eles, era ela. Era solitária por natureza. (Seria este meu desejo de ficar só causado pelas

brigas que eu assistia, apavorada e calada, entre meus pais e que habitualmente terminavam em agressões físicas na mãe, quando o pai chegava bêbado em casa?). Natália não entendia por que a mãe não o largou. Da última vez que ela assistiu aquelas cenas lamentáveis, ela não era mais uma menina apavorada. Tinha vinte e cinco anos e estava começando uma carreira policial. Na manhã seguinte, teve uma conversa com seu pai quando viu os hematomas nos braços da mãe e a marca roxa em seu rosto. Ele estava sentado sozinho, na varanda da casa da fazenda que pertencia à família. Ela criou coragem, sentou ao lado dele e falou como se estivesse falando com um marginal:

- Por que você bateu nela?
- Não me lembro de ter feito isto.
- Foi por que você estava bêbado? Ou tem algo mais?

Mikael olhou indignado para a Natália. Ela era sua filha, não tinha este direito. Tinha que respeitá-lo. Mas quando viu os olhos de Natália ficou mudo, assustado com o jeito que ela o encarava fixamente. Ela continuou:

- Eu te fiz uma pergunta.

Ele nada falou, a ignorou. Virou seu rosto para a paisagem como quem olha para o nada. Natália inclinou seu rosto em direção ao pai e falou num tom que ele jamais imaginou ouvir dela.

- Agora, neste momento eu não sou sua filha, sou uma policial. Exijo uma resposta ou prefere responder lá na delegacia?

Natália lembra que depois daquele dia ele nunca mais encostou a mão na mãe. As marcas no corpo dela sumiram, mas as marcas na alma de Natália ainda estavam bem vivas. A filha decidiu que só se casaria se realmente encontrasse o homem certo e se apaixonasse por ele, ou preferia ficar só.

Natália inspira o ar frio. Era cedo. O parque estava vazio. A névoa era forte. Ela percebeu um vulto se aproximando, era um homem. Ele parou ao lado dela e ficou em pé olhando a paisagem:

- Que coisa linda este parque. Eu devia pintar esta paisagem, se fosse pintor.

Ela diz sorrindo para ele:

- Não é mais fácil tirar uma foto?

- Já tirei várias. Não é a mesma coisa. Se fosse pintor eu iria gravar cada detalhe deste parque em cada pincelada, assim está beleza ia ficar eternizada para sempre aqui em minha mente, quando fosse embora.

- O senhor é de onde?

- Do Rio.

- Não percebi o sotaque de carioca “experto”.

- Graças a Deus.

Os dois riram.

- E a senhora, é daqui mesmo?

- Desde que nasci.

- Que privilégio!

- Até parece que aqui tem praia.
- Não acho que este lugar precise de mar para ser lindo como é.
(Aquilo seria uma cantada? Não parecia).
Natália não estava incomodada. Ele se despede:
- Eu já vou. Desculpe se atrapalhei a sua paz.
Ele a cumprimentou com um gesto e saiu andando pelo parque. Natália ficou observando aquele homem educado até ele desaparecer em meio à névoa do parque. Ela olhou as horas em seu smartphone. Estendeu as pernas numa posição confortável, (o estranho tinha razão, o parque é lindo).

No dia seguinte Natália, como fazia toda manhã, foi ao Parque das Árvores fazer sua corrida matinal. (O estranho não veio. Será que ele foi embora da cidade?). Ela pensou curiosa.

Na delegacia foi mais um dia agitado. Quem disse que em cidades pequenas não haviam crimes? Mas assassinatos não eram comuns em Campo Belo. Aquilo nunca havia acontecido. Três mulheres mortas em um ano e sempre o mesmo cenário. Eram solteiras que eram mortas e depois encontradas em casas

de familiares, ou próxima a elas, amarradas dentro de um saco de lixo, ou um baú. Algo que escondesse o corpo até que finalmente alguém achasse a pobre vítima. A cidade agora tinha um “serial killer” digno de filmes americanos. A delegacia da pequena cidade evidentemente não tinha equipamentos nem experiência para lidar com crimes como aqueles. Elisa, a delegada titular, avisou das dificuldades ao comando central da Polícia Civil do estado. Quando o terceiro corpo foi achado o caso ganhou repercussão nacional. Então Curitiba avisou que mandaria um especialista. A notícia foi recebida no fim do expediente. O alívio foi geral na delegacia.

Edílson desembarcou na rodoviária de Campo Belo na hora correta. O ônibus não atrasou. Novak estava na rodoviária para recebê-lo. Não foi difícil para que o especialista em crimes em série o identificasse. Novak era um tipo com feições polonesas, um típico descendente de polacos que se instalaram na região com o fim da escravidão e uma política nacional voltada para o “embranquecimento” da raça. Ele não se vestia como um policial. Usava um pulôver negro elegante, calça social, o sapato muito bem engraxado. (Como será que ele faz para correr atrás de um marginal se for preciso?)

Pensou o especialista. Normalmente nesta profissão se usa o básico. Calça Jeans e uma camiseta coberta por um bom agasalho num local frio como o sul do Paraná no inverno. Exatamente o que ele estava usando agora. Novak se decepcionou quando o viu. Para o especialista treinado aquilo foi visível. Edílson era negro.

- Bom dia! Eu sou Edílson...

O especialista estendeu a mão a Novak:

- Bom dia! Eu sou Novak. Vou levá-lo à delegacia.

Novak apertou sua mão. Antes de entrarem no carro, Edílson olhou fixamente para Novak. Juntou as duas mãos como numa prece e falou olhando para o céu.

- Novak, pelo amor de Deus, é sempre tão frio assim aqui, nesta cidade?

Na delegacia Edílson explicou em tom professoral que todos eram suspeitos. Um psicopata não tem rosto, pode ser seu vizinho ao lado que sempre te cumprimenta pela manhã. Pode ser o padre, o pastor da congregação batista...

- Pode ser seu pai, Eduardo.

O especialista queria enfatizar bem este ponto.

- Ele não é. Ele já morreu.

Novak não conseguiu segurar um riso curto. O velho policial Eduardo sempre foi amargo e irônico. A delegada Elisa quase grita quando dá um soco na mesa:

- Então pode ser sua mãe, porra!

Ela continuou a reprimenda:

- Edílson não está aqui para ouvir gracinhas. Ele veio salvar mulheres de um maluco que nós não temos nem ideia de onde começar a procurar. Exijo todo mundo focado no caso. Prestem muita atenção no que ele diz.

Edílson ficou constrangido com a cena, mas o resto da equipe de policiais não. Já se habituaram à transformação da antes determinada, mas gentil delegada para uma mulher estressada. A delegacia agora tinha cenas como aquela habitualmente. Um dia, Natália e Márcia, sua companheira de mesa ao lado, conversaram sobre a mudança do humor e comportamento dela. Começou quando o segundo corpo apareceu. Aqueles crimes estavam deixando Elisa muito abalada. Era uma mulher com trinta e cinco anos.

Magra. Sabia ser bonita quando queria e antes sempre gentil. Agora isto. Edílson continua:

- Eles não têm um rosto, mas tem um perfil preparado pelo seu cérebro que não tem empatia. Geralmente são vaidosos, elegantes, educados, são vencedores em suas profissões, pois não se estressam nunca, nem diante dos maiores desafios. As profissões onde mais se destacam são a medicina e as forças armadas.

Isto porque, como não sentem nada, perder um paciente ou matar um inimigo é muito mais fácil para eles do que para uma pessoa normal. Ao contrário do que muitos imaginam, eles não são mais inteligentes do que os outros, mas são metódicos, dedicados, buscam a perfeição, então eles geralmente deixam um detalhe, uma pista quase impossível de ser detectada. É assim que eles se realizam e se divertem com o despreparo de seus perseguidores. No caso do assassino desta cidade, ele deixa um triângulo tatuado na pele da vítima. É aí que eles geralmente são pegos. Precisamos ficar atentos a qualquer detalhe.

Márcia olha curiosa para Edílson e pergunta:

- O que será que este triângulo representa?

Edílson pega smartphone.

- Vejamos se na internet temos alguma curiosidade sobre esta figura geométrica.

Eles pegam seus smartphones e acompanham o especialista. Eduardo diz:

- Triângulo equilátero. Triângulo retângulo... sinceramente, não vejo nada aqui que possa ajudar a gente a identificar o assassino.

Novak divaga:

- Pode ser algo como um triângulo amoroso.

Edílson suspira:

- Neste caso a coisa fica ainda mais complicada. Um casal, heterossexual ou não, fazendo de sua vítima uma terceira pessoa em um ménage que saiu direto do inferno. Mas é

muito cedo para encontrar qualquer pista em sua assinatura.

- Edílson, e se ele parou? Se esta pobre moça foi sua última vítima?

- Psicopatas nunca param, Natália. Pode aumentar o tempo entre suas mortes, mas eles sempre voltam à ativa.

- Edílson, você acha que um psicopata pode ser um bom policial?

- Com certeza, Novak. Seria um ótimo policial. Ele não teria problema nenhum em atirar em um suspeito. Não se abalaria em um tiroteio.

- Então já sei por que a Natália e a Márcia são ótimas policiais e nunca caem no meu charme irresistível, elas não têm empatia.

Ninguém riu da piada dele.

Após a reunião, Natália preferiu almoçar sozinha. Inventou uma desculpa e não foi com seus colegas e Edílson ao almoço de confraternização ao especialista. Edílson tinha passado a todos uma tarefa. Ler como aprendizado uma cópia do detalhado relatório da polícia americana sobre um caso famoso naquele país. Um assassino em série que se chamava Zodíaco. Ele matou vinte e seis mulheres e nunca foi pego. Escrevia cartas debochando da preparada polícia americana. Ela pegou o relatório e foi até a

biblioteca da cidade. Ali teria paz para ler. Foi então que o viu. O estranho do parque. Ele estava lendo um livro. Tomava um café. Ela ficou ali parada, olhando para ele. Depois de alguns segundos ela foi até ele, para cumprimentá-lo. Por que não?

- Eu atrapalho sua leitura?

Ele se levantou, deixou o livro no sofá:

- Não, que bobagem.

- Lembra-se de mim?

- Claro. Você tem ido ao parque?

- Todo dia! Eu moro em um apartamento em frente a ele.

- Nossa, que vista!

- Eu faço minha corrida matinal todo dia nele.

- E aproveita para apreciar aquela beleza toda. Que inveja.

Os dois ficaram ali em pé sorrindo um para o outro, em silêncio por alguns segundos. Ela diz:

- Vamos tomar um café de verdade. Este, desta máquina na biblioteca é horrível.

Ele deixou o livro na estante de entregas e a levou a uma cafeteria em frente ao prédio. No caminho ela guardou o relatório que lia em sua bolsa. Estava curiosa com o estranho.

Quando chegaram, se sentaram junto a uma mesa próxima a janela. Ela perguntou a ele se conhecia algum lugar a mais da cidade além do Parque das Árvores.

-Sabe o que eu reparei agora?

Ele disse olhando direto nos olhos dela.

- O que?

- Eu nem sei seu nome ainda, e você também não sabe o meu.

- Não seja por isso, Natália. Meu nome. Ele estendeu a mão a ela.

- Brenner, muito prazer!

Ela perguntou sobre o que ele estava lendo, ele disse que começou a ler um livro, ela conhecia o livro.

- Ele é ótimo. Imagine que aquele livro me fez chorar.

- Natália, você quer alguma coisa para acompanhar o café? Uma torta?

- Não. Obrigada Brenner, eu ainda não almocei.

- Sobre sua pergunta, se conheço algum lugar a mais na cidade, na verdade não conheço nada. Você me indica um bom restaurante? Eu estou morrendo de fome.

- Claro. Vamos almoçar juntos!

Ela disse quase que imediatamente a ele. Ela mesma se surpreendeu com sua atitude.

-É aqui perto, vamos andando.

Ele sorriu. No caminho sentiu vontade de perguntar a ele, não devia, não era a hora. Podia ser um sinal errado, mas quando aquela vontade chegava nada podia deter Natália:

- Você é casado Brenner?

- Casado com o meu trabalho.

Ele mostrou suas mãos. Nenhuma aliança.

-Viciado em trabalho, não é? O que você faz?

- Sou bancário. Trabalho em um Banco.

- Você deve achar que eu sou muito enxerida, que falta de educação a minha, já estou querendo saber tudo de sua vida.

Ele parou de caminhar e se virou para ela.

- Eu estou achando isso ótimo.

Eles voltaram a caminhar pela calçada muito limpa e com muitos canteiros de flores. Ela agora cruza sem cerimônia seu braço com o braço dele. Ele ficou encantado com a atitude dela. Ela percebeu.

- Então me diga o que um carioca bonitão que trabalha em um Banco vem fazer neste fim de mundo.

- Fim de mundo? Não tem nada aqui que não seja lindo.

Não se falou de trabalho no almoço. Ele disse que estava só. Não tinha ninguém por enquanto, uma opção pessoal. Quem sabe ele um dia encontraria a pessoa certa? Ela disse que entendia este sentimento, que estava sozinha e morreria sozinha se não encontrasse o homem que ela sonhava. Ele contou sobre seus planos. Queria realmente ter uma família. Filhos, esposa, mas não queria mais morar no Rio. A cidade teria que ser como Campo Belo. Tranquila, segura, só o melhor para sua família.

- Quem sabe aqui você não acha a mulher de seus sonhos?

Ele disse olhando fixamente para ela com um sorriso:

- Quem sabe?

Ele continuou.

- Quem sabe eu não encontro a mulher dos meus sonhos no Parque das Árvores, amanhã bem cedo?

O almoço terminou. Uma relação muito intensa começava a dar seus primeiros passos. Os dois perceberam. Natália finalmente se interessou por alguém de verdade.

Capítulo 2

Era cedo no Parque. Ela se alegrou quando o viu, ele também quando a viu. Ela percebeu.

- Então, você costuma correr nas praias lindas do Rio, Brenner.

- Nas praias? Eu costumo correr no Parque Barigui.

- Em Curitiba? Mas você não é do Rio de Janeiro?

- Era. Há um ano fui transferido para a capital do Paraná.

- Curitiba não é tão longe daqui como o Rio de Janeiro. São só duas horas.

Ele sorriu para ela.

- Ainda bem. Natália, vamos correr e você aproveita e me mostra o parque todo, ok? Se você se cansar me avise.

- Então vamos.

Quando chegaram a um canto do parque, depois de vinte minutos de corrida, ele pediu para ela parar um pouco.

- Cansou?

Ela perguntou divertida.

- Ufa! Seu ritmo é muito forte, o que vocês comem por aqui?

- Descanse um pouco...

Agora ele repara o lugar onde pararam. Era um pequeno jardim cercado por um banco de pedra circular, em forma de uma ferradura. No meio do jardim a estátua de um elegante

cavalo em seu tamanho natural em cima de uma plataforma de um metro de altura com uma placa. Natália percebeu que ele olhava fascinado para a estátua.

-É a estátua de um cavalo manga larga, um campeão nacional. O dono da maior fazenda da região é um grande criador destes animais. Presenteou-a ao parque quando o cavalo finalmente conseguiu sua taça de campeão.

- Ele se levanta e vai até a base da estátua e lê a placa.

“Barão vermelho. Campeão Nacional. 2012”.

Ela se aproxima dele.

- Corre na cidade uma história sombria sobre ele. Barão Vermelho morreu logo depois de sua conquista. O que dizem por aí é que o jovem fazendeiro matou seu cavalo, assim que ele conquistou o campeonato e o empalhou para comemorar aquela data, mantendo o seu animal para sempre no auge de sua forma. Gustavo, o fazendeiro, o empalhou e o mantém em um dos cômodos, uma sala íntima de sua residência.

Brenner olhou para ela, estava horrorizado.

Ela sorriu:

- Mas é só uma historinha, uma pequena lenda local. Provavelmente ele morreu por causa de alguma doença. Cavalos são animais delicados, mas o cavalo está lá, empalhado.

- Bom, toda cidade tem suas lendas. Estou pronto para a corrida.

-

Quando a corrida terminou, ele estava exausto. Foram quase quarenta e cinco minutos. Natália perguntou a Brenner se ele conseguiu apreciar o parque. Ele deu um sorriso para ela.

- Nunca vi tanta beleza junta, em um só lugar. Os quiosques para churrasco, o mirante, os jardins, você.

Ela sorriu para ele. Agora ele notou que ela ficou satisfeita com o elogio.

- Bom, eu tenho que ir, meu ônibus passa em quarenta minutos, eu ainda vou ao meu apartamento trocar de roupa.

- Não senhora, não vai mesmo. Estou com meu carro. Te levo aonde você precisar. É no seu local de trabalho?

- É sim, no centro da cidade.

- Ótimo, eu vou para lá também. Vamos, vou te mostrar onde está o meu carro. No que você trabalha, Natália?

- Você me leva lá e descobre.

Ela disse em um tom de mistério, sorrindo para ele. Quando chegaram ao carro, ela ficou boquiaberta. Era um BMW lindo, esportivo, branco, de muito bom gosto.

-Uau! Ela falou olhando para o carro.

Ele abriu a porta para ela.

- Eu te levo até seu apartamento.

Quando chegaram ao apartamento, ela ficou preocupada. Seria falta de educação não o convidar para um café ou algo assim? Ele podia interpretar como um possível sinal verde dela para ele, mas não era a hora, ainda.

- Eu te aguardo no carro, Natália. Não tenha pressa, eu preciso responder uns e-mails em meu celular.

Ela apreciou o gesto dele. No caminho para a cidade eles conversaram animadamente. Ele disse que era gerente geral do Banco Geral do Comércio. Um cargo apenas abaixo da diretoria. Estava na cidade para visitar as agências de Campo Belo. Ela perguntou quanto tempo ele ia ficar. O quanto for preciso, ele disse. A conversa continua animada. Quando viram, estavam em frente à delegacia da cidade.

- É aqui que eu trabalho.

Ele estava visivelmente surpreso.

- Então é por isto sua boa forma Natália, você é policial.

Ela diz sorrindo para ele:

- Não vai fazer bobagens por aí. Não quero te prender.

Ela abre a porta. Sai do carro e olha para ele pela janela do motorista, ia agradecer a carona.

Ele diz:

- Amanhã vou ao parque novamente.

- Precisando melhorar a forma?

Ele fica por alguns segundos olhando nos olhos dela, ela devolve o olhar.
- Não vou lá só por isto, Natália.

(Então é aqui o local, ele é lindo mesmo).
Edílson, o especialista pensou. Sentou em um banco e ficou apreciando a paisagem. Era em parte um vale, em parte uma planície. O parque tinha tons de verde diferentes, grupos de pinheiros e outras árvores faziam pequenas ilhas cercadas de grama, pequenos bosques, quiosques e jardins muito bem cuidados. Era grande. Ele avaliou o tamanho, igual ao Barigui, em Curitiba. (Natália mora aqui perto. Num prédio bem em frente ao parque. Não é para qualquer um. Não deve ser barato um apartamento na região). Isto o deixava animado com ela, ela havia herdado uma fortuna. Não precisava trabalhar. Estava na profissão de policial porque gostava dela, mas realmente o melhor detetive na delegacia era sem dúvida Márcia. Alta, trinta anos, detetive há seis anos. Loira, olhos azuis, bonita, um mulherão. Vestia-se com discrição, mas não era relaxada com sua aparência. Era calada, isto fazia dela uma policial concentrada. Dedicada, atualizava seus treinamentos habitualmente. Fora isto era caseira, do trabalho para a casa, da casa para o trabalho. Era inteligente, dedicada.

Edílson percebeu que se sentia atraído por ela, mas ela era casada. Mas nem tudo é perfeito, ela tinha o estopim curto. Já foi denunciada por maus tratos a bandidos duas vezes. (Violenta). Ele pensou. Ele voltou a apreciar o parque. Que pena, estava na hora de ir à delegacia.

Elisa abriu a reunião

- Bom dia! Alguém aí não terminou de ler o relatório sobre o Zodíaco?

Todos ficaram em silêncio.

- Ótimo.

Após a reunião, Edílson comunicou que estaria ausente na manhã do dia seguinte e iria começar seu trabalho de campo. A reunião seria à tarde. Depois a escolheu, tinha uma tarefa para Márcia.

- Márcia, vamos buscar um padrão entre as vítimas. Precisamos checar com os amigos e parentes possíveis, sites de relacionamento comuns, locais que frequentavam...

Márcia anotou tudo com cuidado, finalmente aquilo era a chance de se destacar como policial.

No dia seguinte, pela manhã, quando os dois chegaram ao mirante do Parque das Árvores,

Brenner pediu a Natália para que ficassem ali por alguns minutos apreciando a paisagem. Era o ponto mais alto do parque. O parque ficava entre dois montes. De lá eles viam as trilhas, os bosques de pinheiros, os jardins, um pequeno lago, garças e monumentos comemorativos. O parque é lindo, ele pensou. Ela sentou enquanto o observava. Seus olhos corriam pelo parque. Ele estava concentrado na paisagem, a corrida perdeu seu ritmo, ela não falou nada, só olhava para ele. Para o homem à sua frente que conheceu há menos de uma semana. Ele era diferente de tudo que ela já tinha visto. Elegante, educado, bonito. Ela adorava ficar ao lado dele, estar com ele, nunca tinha sentido nada assim. (Será que ele vai embora e me deixar sozinha novamente?) Ela pensou. Ele agora se vira para ela, ela levanta e diz divertida:

- Foram quase quinze minutos olhando a paisagem, assim você vai acabar pintando o parque mesmo.

- Natália...

Ele fala olhando nos olhos dela como nunca fez antes, estende a mão direita para ela e ela dá a mão a ele. Ele a traz para bem junto a ele e descansa a mão dela em seu coração. Natália fica muda. O coração dele batia muito forte, num ritmo intenso. Batia por ela.

- Você me pegou, Natália. Me Pegou de jeito. Naquela manhã Márcia recebeu uma mensagem de Natália em seu celular:

“Favor avisar a Elisa que vou atrasar hoje. Estarei na delegacia pela tarde para a reunião com Edílson, depois eu explico. ”

A tarde Edílson abriu a reunião passando mais um relatório com a análise de uma das pistas falsas que o Zodíaco havia deixado para confundir a polícia americana. Antes de começar ele perguntou a Márcia se ela já havia começado a tarefa solicitada por ele.

- Eu me inscrevi em sites de relacionamentos com um perfil igual ao das mulheres assassinadas. Solteira, solitária, procurando companhia para um relacionamento sério, meu nome é Sara. Márcia levanta e vai até o computador e acessa a internet. A imagem da tela aparece também na enorme televisão encaixada na parede. Não era a foto dela no site de relacionamento, era a foto de uma moça com o mesmo padrão das vítimas, morena, rosto delicado, por volta de seus vinte anos.

- Ótimo, vamos analisar juntos os contatos. Não preciso dizer que numa investigação todas as informações são sigilosas.

Márcia continua:

- Eu já marquei um encontro com cada um dos parentes das vítimas e também com alguns amigos, logo vamos saber se elas

frequentavam um lugar em comum como um clube, um parque ou bar onde ele as abordasse. Aqui em Campo Belo temos poucas opções de lazer com este perfil, portanto não será nenhuma surpresa e nem uma pista forte se descobrirmos que elas frequentavam o mesmo bar para solteiros, por exemplo.

- Bom trabalho Márcia. Agora uma observação. Todos os corpos das vítimas foram achados perto da residência de familiares, mas ainda não estavam tão putrefatos, no entanto os desaparecimentos foram semanas antes. Isto quer dizer que o assassino tem um local para onde leva suas vítimas antes de matá-las e realizar seu desejo de aterrorizar suas presas. Muito provavelmente um local isolado, uma cabana, um sítio, com um cômodo escondido, um sótão, algo assim fora da cidade. Então uma primeira descoberta sobre nosso criminoso. Ele é um forasteiro, não é um cidadão de Campo Belo.

Edílson continua sua exposição, agora ele analisa com os detetives o relatório sobre o Zodíaco.

- Novak, defina um psicopata em duas palavras.

- Sem sentimento.

A reunião prossegue. Márcia, assim como os outros detetives, estava ficando entediada. Já fazia duas horas que eles estavam debruçados

sobre aquelas páginas. Márcia começa a pensar em Natália. Era raro ela se atrasar. E agora tinha algo nela, uma alegria discreta, um brilho que Márcia jamais viu em seus olhos. Foi fácil para ela deduzir o porquê. Com todo cuidado, bem discretamente Márcia observa o ambiente, na mesa de reunião, ela estava ao lado de Natália. A frente delas estão Edu e Novak, na cabeceira da mesa Edílson, ao lado dele Elisa. Márcia levanta uma das páginas do relatório e o leva em direção a seu rosto, como se quisesse ler a página mais atentamente. Pega uma caneta e age como se estivesse fazendo uma anotação na folha, com todo cuidado do mundo ela cutuca Natália e entrega por de baixo da mesa um pequeno bilhete para ela.

"Defina em duas palavras o cara".

Natália não ficou surpresa, este poder de dedução, era isto que fazia de Márcia a melhor policial e detetive da cidade. Natália, muito discretamente, repete o gesto de Márcia. Se Elisa as pegas trocando bilhetes, como duas colegas em uma sala de aula em uma reunião tão importante, ia ser uma cena daquelas. Levanta a página do relatório como se tivesse notado algo importante. Pega uma caneta e age como se estivesse fazendo uma anotação na folha. Com todo cuidado do mundo ela entrega seu pequeno bilhete a Márcia:

"Orgasmos múltiplos"

Assim que a reunião com Edílson terminou, as duas se apressaram. Natália tinha que contar a novidade para Márcia em detalhes, mas quando as duas já chegavam à porta ouviram uma concentrada Elisa falar em um tom quase desinteressado enquanto dava uma última olhada para o relatório à sua frente.

- Márcia e Natália, eu quero falar com as duas.

Aquilo era um mau sinal, Natália pensou.

Quando as três estavam sós, com as duas de volta à mesa de reunião, ao lado de Elisa, a delegada, ainda concentrada em sua leitura, estendeu a mão a elas, com a palma aberta, como se estivesse pedindo para que elas entregassem algo a ela. Alguns segundos se passaram. Nada. A delegada agora tira seus olhos do relatório e olha fixamente para as duas. Abre os braços num gesto claro de quem não está nem um pouco satisfeita e diz:

- Então?

Natália pega o bilhete de Márcia e o entrega para Elisa, depois de alguma hesitação Márcia faz o mesmo. Em uma espécie de ritual de tortura, Elisa abre bem lentamente cada bilhete. Lê os dois sem falar uma palavra, olha para as duas. Elas estão mudas. Então a delegada dá um sorriso para Natália.

- Fico feliz por você, Natália.

- Mas assim, logo de cara? No quarto encontro vocês passaram aquela manhã toda em seu apartamento?

Natália fica em silêncio, dá um leve aceno de afirmação com a cabeça.

-O nome dele é Brenner, ele é carioca, mas está morando em Curitiba.

- Do jeito que você me contou, o negócio é bem sério.

- Não posso negar, é muito forte.

Agora Márcia ficou preocupada com Natália. Tudo que ela não merecia era uma decepção amorosa agora. E se ele fosse só um espertalhão apenas atrás de uma vagina?

Natália não tinha experiência alguma. Ela podia parecer uma balzaquiana no auge dos seus trinta anos, na idade da loba, linda e devoradora de homens como em um filme americano, mas a verdade é que ela nunca se interessou por ninguém, até que ele chegou.

- Eu quero conhecê-lo. Onde ele está agora? Você me apresenta a ele?

- Ele foi hoje para Curitiba, volta no fim de semana.

-Ótimo. No sábado vamos jantar juntos, lá em casa, eu preparo o jantar. Quero conhecer o homem que derreteu o coração frio da rainha gelada.

Capítulo 3

- Não.

- Vamos Brenner, me deixe entrar.

- Não.

Ela fala como uma criança chorosa.

- Eu estou tão sozinha.

- Não.

- Eu estou só com aquela camiseta curta, do jeito que você adora.

- Assim você me deixa com água na boca, Natália.

- Então...

- Você está só com ela?

Ela fala com lascívia junto à porta da cozinha:

- Mais nada...

- Não está com frio?

- Claro que sim, eu estou toda arrepiada! Me abraçe para eu ficar bem quentinha. Ela repetiu a voz de criança chorosa.

- Eu estou achando você bem quente.

- Então...

- Então não!

Natália suspirou. Estava curiosa. Ela segurou com cuidado a maçaneta da porta da cozinha e a girou bem lentamente, com o cuidado de uma menina travessa fazendo peraltices.

- Brenner, você trancou a porta da cozinha?!

Ela disse em voz alta pretendendo dar um tom de indignação à frase. Ela quase o viu sorrindo do outro lado da porta.

- É surpresa.

- Brenner!

- Eu já te disse que você tem um belo apartamento? Dois quartos enormes todos com suíte, uma sala ampla com dois ambientes. E a vista, meu Deus, o Parque... Mas a melhor parte de seu apartamento é a cozinha, que cozinha! Eu podia cozinhar o dia todo aqui.

- Eu já sei o que é.

- Duvido!

- Deixa eu te ajudar.

- Não.

- Atenção cidadão Brenner, aqui quem fala é a policial Natália, abra imediatamente a porta para que eu possa algemá-lo e dar o tratamento devido.

- Natália, não me tenta.

- Brenner, me ajude. Eu me algemei sem querer, agora eu estou aqui, só com uma camiseta que vai até o meu umbigo, e minhas mãos algemadas atrás de mim.

Ela falou bem baixinho, junto à porta.

Natália encostou mais ainda seu rosto na porta. O tom de voz que ela usava, ele adorava. Ele ficou em silêncio, demorou alguns segundos, então ele destrancou a porta. Ela venceu. Ela se esquivou dele e entrou rapidamente pela cozinha.

- Que cheiro bom. O que é isto?

Ela abriu a tampa da panela sobre o fogão. Era um talharim, uma massa caseira.

- Adoro massa. O que é que tem no forno?
Antes que ele falasse qualquer coisa ela se inclinou para abrir a tampa do forno. (Ela mentiu). Ele pensou. Ela não estava só com a camiseta. Que pena... Ele agora sorria para ela, ela se aproxima dele como se fosse uma criança sapeca, se aninha nos braços dele.

- Eu fui má, não fui? Se você quiser pode me prender. Estraguei sua surpresa, mas parece que o almoço vai ser uma delícia.

O coração dele batia forte. Ela o sentiu descansando a cabeça em seu peito.

Ele disse olhando nos olhos dela:

- Ainda faltam quarenta minutos para o forno...

Era um convite.

-Eu pensei que você estava chateado comigo porque estraguei seu almoço surpresa.

- Que almoço?

Ele disse abraçado a ela.

- Você já decidiu o que vai fazer Zé Celso?

- Sobre o que?

- O jantar, é hoje. Você esqueceu?

- Não, claro que não esqueci. Acho que vou fazer um churrasco. O que você acha, amor?
Márcia bota um dedo na garganta, a língua para fora. Um gesto de quem quer vomitar.

- Nossa Márcia! Você não acha uma boa ideia?
Márcia é irônica.

- Claro. Ótima ideia. Em vez de fazermos um jantar íntimo, com uma comida leve, saborosa, acompanhada de um bom vinho e com uma conversa agradável, vamos fazer um churrasco. Você traz umas cervejas e no fim vamos os dois casais falar de futebol. Detalhe. Não se esqueça do peido que você sempre dá quando está de porre.

Ele ficou mudo, olhando para ela. Ela ficou olhando para ele. Agora ela se perde em seus pensamentos. Era o casal mais bonito do colégio. Ele era o cara. O centroavante do time da escola. As mulheres corriam atrás dele. Para Márcia, na época ele era o cara. Agora deu nisto. Um fracassado. Um homem de trinta e poucos anos, que não passa de um bancário em um eterno começo de carreira. Ganhava pouco. Não tinha ambição nenhuma. Era preguiçoso, barrigudo. Um dia ela conversou com ele sobre isto. Ele disse que ela bastava para ele. Naquele dia ela teve vontade de castrar ele.

- O que será que eu faço então, querida?

- Zé Celso. Pense um pouco, se isto for possível. O que é leve e vai bem com um vinho branco?

- Uma lasanha a bolonhesa.

Márcia resolveu ela mesmo cuidar de tudo, tinha que ser uma noite perfeita, ela tinha que descobrir quais são as intenções do “cara” com relação a Natália.

Finalmente ela atendeu. Márcia se desculpou, Natália ligou para Márcia o dia todo, agora ela explicou que passou a tarde toda em União da Vitória procurando os ingredientes que precisava para o jantar. Esqueceu o celular em casa.

- Chegaremos aí por volta das seis horas, você quer que eu leve algo?

- Não precisa. Acho que vocês vão adorar.

- Márcia, se você ficar enchendo a gente de mimos ele não vai se sentir à vontade, apenas seja você mesma. Disto eu tenho certeza que ele vai gostar. Um abraço ao Zé Celso.

Foi uma noite agradável. O jantar saiu exatamente como a Márcia queria. A mesa da copa estava elegante. A entrada foi um creme de espargos bem quente. Afinal era uma noite fria. Eles adoram. (Ele adorou). Márcia pensou. Depois o prato principal. Natália ficou surpresa. Um salmão grelhado com molho de vinho branco. Perfeito. O vinho branco era de mesa. Márcia avisou. Um vinho local, nada especial, mas dava para sentir o gosto da fruta. A sobremesa foi a torta de chocolate que Natália amava. Zé Celso surpreendeu:

-Nada de falar sobre trabalho hoje. Ele disse ao namorado de Natália assim que eles se sentaram à mesa e ele serviu o vinho branco nas taças. Brenner ergue a taça.

- Um brinde a isto.

Falaram sobre música, livros, filmes, falaram sobre o Parque das Árvores... A noite terminou. Márcia percebeu: (Ele está apaixonado por ela).

Quando eles foram embora, Márcia se acomodou no sofá e falou olhando para Zé Celso.

- Você viu o carro dele? O que será que ele faz na vida? Qual é o trabalho dele? Aliás, por que você disse aquilo a ele?

- O que?

- Aquele brinde.

- Sobre não falar de trabalho esta noite?

Ele trabalha no Banco.

Ela ficou olhando impaciente para o marido, esperava dele mais detalhes.

- Ele é o gerente geral de todas as agências do banco, inclusive no exterior, um cargo só abaixo da diretoria.

Márcia pensou em Natália enquanto olhava para o marido como se o estivesse avaliando e falou:

-Tem gente que nasce com a bunda virada para a lua

CAPÍTULO 4

Os dois estavam ali, um olhando para o outro, tristes.

- Quanto tempo? Ela falou.

- Um pouco mais de um mês, se der tudo certo.

- Já era difícil te ver só no fim de semana...

- Vamos juntos, Manaus é uma cidade surpreendente. Venha comigo.

Ela se aproxima dele e descansa a cabeça em seu ombro, ele a abraça.

- Eu também tenho um trabalho, Brenner.

Já faz dois meses que eles estavam juntos. A primeira semana não desgrudaram um do outro. Depois passaram a se ver só nos fins de semana, uma exigência do trabalho dele. O Banco tinha agências Brasil afora. Neste período em que estão juntos, ele já tinha ido ao Rio uma vez e duas vezes a São Paulo.

Nada que atrapalhasse o sagrado fim de semana deles. Agora ele vai ao Norte do País. Manaus, Belém, Tefé. Teriam que se virar com o telefone mesmo.

- Eu vou te monitorar. Vou ligar toda noite para você, Natália. Vou ligar tanto que você vai enjoar de mim e nem vai sentir minha falta.

- Você já faz isso, amor. Eu não estou nada enjoada. Você que me ligue mesmo ou eu vou te buscar lá no meio da Amazônia.

- Você já pensou em largar o Banco?

Ela falou em tom divertido, queria quebrar o clima melancólico daquele encontro entre eles.

- Desde que te conheci. Mas tudo tem a sua hora.

Ele falou sério, olhando para ela.

Capítulo 5

Patrícia acordou, ainda estava viva. Suas mãos amarradas com mais força do que antes. Estava novamente jogada no canto daquele local escuro, frio. Jogada como uma boneca maltrapilha e maltratada por uma criança. Imobilizada, amordaçada, ela lembrou-se da mãe com uma ternura despedaçada pelo terror.

- Filha, nunca fale com estranhos.

Queria tanto estar com ela, sentir seu colo, seus mimos. Ela pensou e começou a chorar.

- Nunca mais vou vê-la.

Ela se pegou falando sozinha, com dificuldade. A mordida era bem forte. A dor intensa. A doce figura que ela conheceu se transformou na imagem do pavor em sua mente. De um horror sem limites e sem fim. Ela ouve algo. Fica em um desesperado alerta. Reconhece os passos dele. (Filha, nunca fale com estranhos). Ela conseguiu lembrar de novo da mãe, apesar da onda de pânico que tomava conta dela.

- Você chegou bem?

- A viagem é cansativa, aqui está um calor bravo. Agressivo. Saí da geladeira e caí no forno. Está tudo bem aí?

Natália ficou em silêncio por alguns segundos, ele sentiu que tinha algo errado.

- O que foi Natália?

- Achamos mais um corpo.

Ele fica em silêncio por alguns segundos, então pergunta:

- Você está bem?

- Agora que você ligou, estou bem. Tomou seu banho?

- O banho foi ótimo. Que delícia. O hotel é excelente. Cinco estrelas. Agora estou em meu quarto, saboreando um peixe do Rio Amazonas maravilhoso. É claro que o ar condicionado já está ligado.

- Que inveja!

- Então venha...

- Pobre Elisa. Fico imaginando a cena.

- O que?

- Elisa, eu vou até Manaus dar uma rapidinha e depois começo a investigação da quarta morte.

- Você pode ligar para ela do avião

- Só se for de paraquedas. É capaz de ela derrubar o avião com um tiro.

Brenner fica em silêncio por alguns segundos, agora estava mais à vontade, no hotel. Deixou o prato de lado. Concentrou-se em Natália.

- Não está tudo bem, não é Natália?

- Ninguém está bem lá na delegacia. É tudo muito terrível, frustrante, são moças jovens com uma vida pela frente, e acabam daquele jeito.

- Eu tenho certeza que logo vocês vão pegá-lo.

- Eu não tenho tanta certeza assim, a gente não sabe nada sobre ele, a não ser que supostamente ele não é um cidadão de Campo Belo.

- Você parece cansada.

- Foi um dia terrível, para se esquecer.

- Imagino.

- Eu fui escalada para dar a notícia à mãe quando acharam o corpo dela. A gente sempre acha que sabe o que fazer até que a porta se abre e a gente dá de cara com quem vai receber a notícia: "Seja Formal. Comece com um sintoma informá-la... dê a notícia de maneira objetiva, rápida, com polidez e em voz baixa. Nunca se envolva emocionalmente com a pessoa que recebe a notícia, não a abraça, não chore com ela, aguarde alguns segundos para ter certeza que ela não vai precisar de uma emergência médica. Diga: "meus sentimentos "e vá embora. "

É assim que a gente aprende Brenner, mas quando aquela porta se abriu e eu vi a mãe dela foi como se eu estivesse falando com a minha própria mãe. Ela era sua única filha, as duas moravam juntas até pouco tempo. Então a menina achou que era hora de bater as asas do ninho.

Brenner fica em silêncio. Ela continua. Sua voz tinha um tom de ironia:

- Deu certo, fiz tudo direitinho e fui embora, uma policial quase nota dez. Só falta pegar o bandido.

Aquilo era inaceitável. Ela tinha que pegar o criminoso. Levou seu trabalho para casa. Márcia normalmente não tinha este hábito, mas agora estava obcecada. Não teriam um Zodíaco aqui nesta cidade, não em Campo Belo. Leu e releu os relatórios da necropsia até ter certeza que memorizou cada detalhe. Procurou outros padrões das vítimas, fora os já conhecidos. Eram mulheres entre dezoito e vinte e seis anos, brancas, cabelos negros, moravam sozinhas. Seus corpos eram encontrados em próximos as suas casas. Aquilo era um detalhe sinistro. Agora ela acessa a internet, vai até o site de relacionamento, entra e vai à área restrita de Sara. Fizeram um bom trabalho. Um pouco de editor de imagem, um pouco de maquiagem, um perfil mentiroso sobre o peso e a altura e uma bela morena. Pronto, Sara agora era uma presa succulenta para o predador. Vamos ver os contatos e...

- Que porra é esta Márcia?

Ela quase gritou de susto, quase caiu da cadeira. Ele veio sorratamente por trás dela, estava observando perplexo o site de relacionamento amoroso que sua esposa

acompanhava interessada. Ela já havia avisado a ele que quando ela estivesse trabalhando não era para ser interrompida. Agora aquele susto. Ela girou sua cadeira rotativa em direção a ele. Ele se inclina para trás, ela estava furiosa. Aos poucos o coração dela foi se acalmando. Ela assume uma postura sarcástica olhando para seu marido. Um sorriso cínico no rosto.

- Nossa Zé Celso, você me pegou no flagra. Que susto hein? Eu estava procurando alguém para o seu lugar...

Novak ficou observando o especialista enquanto Edílson recolhia algum material dentro do saco plástico onde a vítima foi encontrada. Novak estava abalado. Teve uma briga feia com seu amigo Edu enquanto eles almoçavam juntos. O motivo foi banal, idiota. Uma discussão sobre se a conta do almoço estava certa ou não. Eles nunca brigaram antes. A delegacia estava muito tensa. Assim que acharam o corpo, Elisa comunicou a todos que Natália ia contar à mãe da vítima que sua filha estava morta. Era a vez dela. Novak se lembrou do que viu o desânimo de Natália com sua missão.

- Deixe que eu vá, Elisa.

Novak se ofereceu. Elisa ficou muda, encarando Novak com uma interrogação no

rosto. Depois de alguns segundos ele ouviu de Elisa.

- Você acha que ela não é capaz, Novak?

Novak quis falar que não era isto, mas ficou calado. Lá vinha mais uma cena.

- Se a porra de um detetive desta delegacia vai cagar nas calças por que não é capaz de dar uma notícia triste, eu não sei como uma merda de um policial deste vai conseguir prender alguém...

Todos ficaram ouvindo a explosão de Elisa.

Uma delegacia não é muito diferente de um exército, por exemplo. Tem uma rígida hierarquia de comando. A autoridade tem que ser respeitada ou você comete um dolo grave, o crime pode ser algo como um motim. Não é como uma empresa privada onde patrões e funcionários têm um código frágil a ser seguido. Ninguém jamais enfrentaria Elisa, mas tem algo que Novak e os outros detetives estavam percebendo. Agora eles perdiam o respeito e admiração pela delegada.

Edílson tinha que encontrar logo o assassino.

Passou-se um mês. Natália acordava, fazia sua corrida no Parque das Árvores, falava habitualmente pelo telefone com Brenner e trabalhava. Não havia mais nada. O trabalho tomava quase todo o tempo. Eram perfis de contatos com Márcia no site de

relacionamentos, entrevistas com parentes e amigos das vítimas. Edílson nada falava, juntava os relatórios, lia atentamente cada um deles e os guardava. Estavam todos ansiosos por algo de mais concreto por parte dele. Os crimes aconteciam em períodos de dois meses e mais uma morte seria uma notícia devastadora, especialmente para a delegacia. Numa quinta-feira Brenner ligou, estava voltando para o Paraná.

-Estou voltando para casa, linda. Não vejo a hora de te ver. Eu chego sexta feira a noite. Curitiba não é tão longe.

- Isto é um convite?

Ela disse alegre ao telefone, estava com muita saudade dele, sentia sua falta.

- Eu tenho um sonho, você me esperando no aeroporto Afonso Pena, me procurando com seus olhos e sorrindo quando me vê.

- E aquele sonho que você teve comigo semana passada?

- Aquele em que você canta para mim pelo telefone a música mais divina que já ouvi?

Não Natália. Agora preciso de você ao vivo e a cores.

No sábado, por volta das dezessete horas, ele chegou ao aeroporto. Ela estava lá.

- Então, veio conhecer Curitiba?

- Não vim só por isto Brenner...

À noite ficaram na casa dele, ela ainda não conhecia o lugar. Já eram três meses de namoro, seus encontros eram sempre em Campo Belo, no apartamento dela. Agora ela estava lá. (A caipira saiu da roça e se sentiu em casa, ela pensou). Ela explicou a ele que tinha que estar segunda cedo na delegacia.

- Então não podemos perder tempo.

No domingo pela manhã, ela levantou e foi explorar a casa dele enquanto ele fazia o café da manhã. Ela sempre foi muito curiosa. Não era uma mansão, longe disto, mas era uma bela casa. Uma sala de visitas, uma sala de estar em dois ambientes. Um banheiro, mais dois banheiros, um em cada um dos dois quartos. O que seria aquela terceira porta? Parecia mais um quarto. Estava trancada. Depois foi a copa, conjugada com a cozinha e um terraço nos fundos com uma mesa enorme e uma churrasqueira. Dava para um terreno baldio. Ótimo, ela pensou em privacidade. Na copa outra porta dava na garagem fechada. Na sala algo que ela amava, uma lareira. Assim que eles tomaram seu café ele fez um desafio a ela.

- Que tal uma corrida?

O Parque Barigui era o preferido dos curitibanos. Estava cheio, com suas pistas alternando pessoas que caminhavam com pessoas correndo. Ela viu capivaras e garças. Depois foram até a Ópera de Arame. Ela não sabe quantas fotos tirou. Incomodava os

transeuntes pedindo que tirassem fotos deles juntos. Eles não se aborreciam. Foram ao Jardim Botânico. Ela nunca tinha visto nada igual. A temperatura estava agradável, por volta de vinte graus. Era um dia perfeito. Ela descobriu que estava com fome, já tinha passado da hora do almoço, eles não perceberam.

- Eu vou te levar a um restaurante simples, mas que eu adoro. Foi lá que eu fiz minha primeira refeição em Curitiba, volto lá sempre. Eles sempre me tratam muito bem.

- Eu nunca tive tanta fome em minha vida. Ela falou com um sorriso divertido para ele, era óbvio que ela estava apreciando tudo. Ele percebeu, ela estava feliz. Quando chegaram ao centro de Curitiba ele estacionou junto à Rua das Flores. Ela se lembrou de quando tinha dezesseis anos, na única vez que esteve em Curitiba, numa das raras vezes que saiu de Campo Belo. Na época o movimento da rua toda calçada a assustou, mas agora estava bem. Estava com ele. Ela apreciou a paisagem enquanto caminhava. Bares de vidros rodeados de canteiros de flores e bancos de madeira. Logo chegaram ao restaurante. Eles foram bem recebidos.

- Vou te fazer uma surpresa.

- O que é?

- Sempre curiosa, eu não disse que era uma surpresa? Basicamente uma carne ensopada com massa.

Quando o prato dela chegou, ela deu um animado sorriso.

- Adorei! Pappardelle! Eu te disse que amava este prato. Você lembrou!

(Ela estava com fome mesmo), ele pensou. No início da noite ela se sentia em casa. Ele estava na sala de estar. Ela se sentiu à vontade, vestiu algo confortável, prendeu seu cabelo em um rabo de cavalo. Quando entrou na sala ele estava descalço, pernas para o ar...

- Brenner, você liga a lareira para mim? Está esfriando.

Já eram quase nove horas, eles estavam exaustos. Aquilo era uma lua de mel.

- Brenner, eu estou morrendo de fome. Você gosta de pizza?

- Quem não gosta?

- Então pede uma para gente.

Ele estava satisfeito, conseguiu fazê-la esquecer-se do trabalho.

- Amanhã bem cedo eu te levo a Campo Belo, Natália.

- Então eu vou para Campo Belo de BMW. Ficar ao seu lado é um sonho, Brenner.

Era ele. O contato suspeito a estava chamando para uma conversa pelo Facebook. Ela saiu do site de relacionamento e agora estava na rede social on-line com ele.

- Você demorou, pensei que tinha desistido. Cheguei a me perguntar o que eu tinha feito de errado.

Ela teclou. Ele começou a teclar, parecia ter sempre uma resposta na ponta da língua.

- Onde eu estava não tem internet, voltei assim que pude. Você fez falta.

Ela pensa em sua resposta.

- E onde o homem misterioso estava? `

- Meu lugar especial.

Márcia aguarda, ele continuar.

- É um pequeno sítio, eu comprei faz um ano, sempre que posso vou para lá. Um local tranquilo, mais particular, privado. Eu sempre vou lá sozinho.

Ela continuou teclando com ele sob o olhar atento de Edílson.

O queixo de Elisa quase caiu. Depois de um mês e duas semanas de silêncio, o especialista estava ali, na frente dela e sua equipe despejando a descrição do possível criminoso. Não era cidadão de Campo Belo ou se estabeleceu ali para começar seus crimes. Era mais alto do que a suposta Sara. Isto também foi fácil. Alguns adjetivos diminutivos, “como você é minha pequena menina sozinha”, que ele usou para se referir a ela. Tinha cerca de trinta anos. Foi fácil determinar a idade também por uma expressão que ele usou mais

de uma vez enquanto teclava e que foi muito habitual nos jovens dos anos de 2004 a 2007. Solteiro e trabalhava por conta própria. Seus contatos com Márcia não seguiam um padrão, ele não estava aprisionado a horário comercial ou preocupado com a vigilância de uma esposa. Era um programador de computadores de primeira, tinha escondido o I.D. de seu computador. Os técnicos em informática da polícia em Curitiba criaram um vírus capaz de invadir e desmontar cada programa conhecido para ocultar a localização e conseguir o número de I.D. de seu computador. Não conseguiram nada. Isto porque ele mesmo fez seu programa. Não é um feito para qualquer amador.

-Agora uma pergunta Márcia: Por que seu contato escondeu a localização de seu computador com um poderoso programa se estava como um homem sozinho qualquer, apenas paquerando outra solteira?

Natália recebeu a notícia com alegria, Brenner pediu férias. Já se conheciam há quase quatro meses e somente na primeira semana eles ficaram juntos o dia todo. Depois o encontro deles ficou restrito a um final de semana, afinal trabalhavam em cidades diferentes. Durante um mês ele se ausentou, seus contatos se limitaram a telefonemas. Depois

da viagem dele ao Amazonas, ficaram mais dois fins de semana juntos. Agora chegou a hora deles se conhecerem mais profundamente.

- Quanto tempo? Ela perguntou.

- Um mês.

- Então venha passar suas férias em Campo Belo. Ela disse pausadamente olhando nos olhos dele.

Era um convite.

- Claro, eu já fiz uma reserva para um mês em um hotel da cidade.

Natália ficou surpresa.

- Mas por quê? Sua expressão era de decepção.

- Eu só quis evitar qualquer constrangimento para você, Natália. Afinal nós não somos casados, ainda...

Ela quis repreendê-lo, ninguém tinha nada a ver com a vida dela, mas não falou nada. Foi a primeira vez que ele falou em casamento. Ela ficou encantada demais para falar qualquer palavra.

- Amanhã é sábado, você vai me ter aqui o mês todo. Vamos a Curitiba amanhã, eu quero te apresentar a alguém. Minha mãe fica um fim de semana. Depois volta ao Rio.

Na noite daquela sexta enquanto ele se acomodava no hotel, Natália preparava algo

que ela adorava. Não sabia se ele ia conseguir apreciar a iguaria famosa. Seria divertido, ela pensou sorrindo. Depois o prato principal, uma costela ao forno. Mas nada de uma bandeja cheia. Era uma comida pesada, e ela o queria em boa forma depois do jantar. Foi quando o celular dela recebeu uma mensagem pelo msm de Elisa: ele entrou em contato com Márcia. Todos agora para a casa de “Sara”.

- Eu preciso deixar algo bem claro para você. Ela teclou. Ele não teclou, esperou ela continuar.

- Eu não estou procurando uma aventura, não estou só atrás de uma brincadeira com um homem na minha cama. Estou procurando algo sério. Não vá perder o seu tempo comigo se sua intenção for outra.

Ele agora começa a teclar imediatamente após.

- Você esteve no meu facebook, Sara. O que você mais vê nele?

Márcia agora ficou aflita, não tinha dado nenhuma importância às imagens do facebook dele. Ela sabia que era tudo falso. O que falo agora? Ela perguntou baixinho, ansiosa a Edílson, como se ele pudesse escutar.

- Diga a ele algo sobre ele ser um homem só. Ela voltou a teclar.

- Vou dizer o que não vi. Não vi você com nenhuma mulher íntima. Uma mulher parecida com uma namorada ou algo assim, não que eu tenha notado. Alex, eu sou uma mulher solitária, preciso de alguém. Você me encanta. Por favor, não me engane.

Edílson ficou satisfeito.

- Eu também...

- Você também se sente só, como eu?

Ela teclou rapidamente como ele sempre fazia.

- Eu também estou encantado com você.

- Espere um pouco, não tecele nada.

Edílson pediu a Márcia.

Depois de alguns segundos, ele continua:

- Um dia vou te levar a meu lugar especial.

Ele teclou.

- Quem sabe? Para isto precisamos nos conhecer pessoalmente antes.

- Quando você tiver certeza das minhas intenções, eu te convido para um jantar em um bom restaurante. Um restaurante que eu adoro...

Assim que o contato terminou, Elisa dispensou todos. Segunda-feira teriam trabalho pesado.

Natália se apressou. Agora estava com ele.

-É bom?

- Ótimo, vai dizer que você nunca comeu isto em Curitiba.

- Nunca tive coragem.

- É gostoso, muito bem temperado.

- E você fez isto só para mim?

- Fiz, não vá fazer desfeita.

- Eu como, mas antes um favor a seu hóspede. Dá uma passadinha na carne moída.

- Brenner!

Ela exclamou divertida.

Não se sabe ao certo a origem do nome carne de onça, que, na verdade, é preparada com carne bovina, ela tentava convencê-lo a comer aquela iguaria, preparada com carne moída.

Muito bem temperada com cebolas, cebolinha e azeite, colocada sobre uma fatia de pão.

Carne moída e crua. Isso mesmo: crua...

- Ele levou o pedaço de pão à boca.

-É bom?

Ele mastigou e engoliu tudo o mais rápido possível.

- O que é que um homem não faz quando está apaixonado por uma mulher.

- Eu preparei uma costela ao forno, Quer?

Depois do jantar eles se acomodaram no sofá da sala.

-O hotel é bom?

- Bom, confortável. Eu vou te levar lá.

- É o único hotel decente da cidade.

- Não sabia.

Ele a puxa para seu lado, ela deita seu rosto no colo dele, ele começa a niná-la como se fosse uma criança.

-Eu sei que enquanto vocês não resolverem este caso horroroso, esses crimes, eu vou ter que abrir mão de você de vez em quando. Mas tem algo que está me incomodando.

- O que é?

Ela agora está atenta a ele.

-É você, Natália...

Ela fica muda olhando para ele. Então ela entendeu, ele estava preocupado com a segurança dela.

- Brenner, neste momento, aqui nesta cidade, com este predador solto, eu sou uma das duas mulheres mais protegidas e seguras da cidade, a outra é Márcia, sabe por quê? Por que nós somos duas policiais e nós é que vamos caçá-lo, pegar o canalha antes que ele mate mais alguém. Esta noite eu estava numa casa alugada pela prefeitura, um bairro na periferia da cidade, lá mora Sara. Ao que tudo indica Sara está em contato com o predador, isto é quase certo. Sara tem internet, Facebook, frequenta redes sociais, só que Sara não existe. Quem está lá é Márcia. Nós vamos pegá-lo antes de suas férias terminarem, eu garanto.

Brenner fica em silêncio, ela continua:

- Se o assassino não for o contato de Márcia nós não começamos do zero. Edílson tem o perfil dele muito bem montado, mas eu acho

que é ele, tem que ser ele. Por que alguém ia esconder o ID de seu computador só para dar uma paquerada? Agora relaxe e aproveite o resto de suas férias, elas já estão terminando.

- Morenas de olhos negros.

Ela volta a si. Estava divagando. Pensando no caso:

- O que você disse?

Ela olha divertida para ele, do colo dele.

- Você tem um rosto, lindo e olhos negros como nunca vi igual.